

# O Ensino Universitário do Egipto Antigo em Portugal

## *Teaching Ancient Egypt in Portuguese Universities*

José das Candeias Sales\*

### RESUMO

Panorâmica sobre a promoção eficaz e sustentada dos estudos pré-clássicos de carácter egíptológico, de nível superior, em Portugal, através das suas instituições universitárias.

Palavras-chave: Egíptologia; Ensino Superior; Portugal.

### ABSTRACT

Overview of an efficacious and sustained advancement of Egyptological studies in Portuguese Higher Education.

Keywords: Egyptology; Higher Education; Portugal.

A Egíptologia é uma área de estudo de elevadíssimo interesse e fascínio para o público em geral, com um forte poder de atracção igualmente sobre milhares de dedicados e competentes profissionais, em vários domínios e subdomínios de estudo associados, espalhados por todos os continentes. Em muitos países europeus (casos de França, Alemanha, Itália e Inglaterra, sobretudo) e também nos Estados Unidos, ao longo dos séculos, desde os inícios do século XIX, desenvolveram-se autênticas escolas e tradições de Egíptologia, estabelecendo, desenvolvendo e consolidando os chamados “três pilares da moderna Egíptologia”: a saber, a Arqueologia, a História e a Filologia. Desde então, a Egíptologia científica firmou os seus créditos, assente num postulado incontornável e irreversível constituído pela absoluta complementaridade das investigações históricas, filológicas e arqueológicas (VALBELLE, 1991, p. 4, 46-70).

Em Portugal nunca houve tradição de Egíptologia. Apesar de seca e, de certa forma, cruel, esta afirmação é uma constatação de facto. Não significa que, ao longo dos anos, não tenha existido em Portugal um genuíno e até apaixonado interesse pelo estudo e pelo conhecimento sobre a antiga civiliza-

\* Universidade Aberta (UAb), Lisboa, Portugal. jose.sales@uab.pt <<https://orcid.org/0000-0003-1087-1478>>

ção egípcia, mas daí até se identificarem, com trabalho contínuo, regular, sistemático e estratégico, entidades e instituições particularmente vocacionadas para os estudos cientificamente conduzidos, com dotações orçamentais e/ou financiamentos especialmente orientados para a Egiptologia, isso é outra realidade. Muitas têm sido, todavia, as tarefas tendentes a desenvolver e sedimentar a sensibilidade existente e a suportar os projectos de estudo, de musealização e de trabalhos arqueológicos que teimam, não obstante, em aparecer.

A exemplo do que se verifica noutros países europeus, o currículo escolar oficial português do ensino básico, universal e gratuito (comum a todas as crianças e jovens em idade escolar), inclui conteúdos de história universal em que um capítulo ou vários capítulos, designadamente ao nível do 7º ano de escolaridade,<sup>1</sup> integrados num ponto programático genérico dedicado à Revolução Neolítica nos povos e nas civilizações da antiguidade ou aos primeiros povos às civilizações dos grandes rios ou aos contributos das primeiras civilizações para a herança comum da Humanidade, aborda a antiga civilização egípcia, com habitual consideração da sua religião, arte, vida quotidiana e organização política e social.

De um modo geral, como constatámos por experiência própria, os estudantes (em torno dos 12/13 anos de idade) a que tal programa se destina reagem muito favoravelmente, sentindo verdadeiro interesse e prazer no estudo da civilização egípcia que tantos e tão apaixonantes vestígios nos legou. As características do desenvolvimento psicológico desses estudantes, nesse nível etário, como a psicologia educacional demonstra, contribuem para explicar o seu interesse por tudo o que seja diferente, exótico, espectacular e impressionante (ROLDÃO, 1987, p. 47; PROENÇA, 1989, p. 92, 105, 106; CAMPOS, 1990, p. 61, 62). Nesse aspecto, a antiga civilização dos faraós possui todos os ingredientes necessários e suficientes (divindades de aspecto bizarro, mutabilidade de formas de representação, monumentos gigantescos e de construção enigmática, fantásticas histórias mitológicas, etc.), a que se juntam os métodos, processos e estratégias utilizados pelos docentes associados. Para muitos dos estudantes portugueses esse é, porém, o primeiro e último contacto sistematizado e organizado com as aprendizagens sobre o Egipto antigo.

Todos os docentes de História que leccionam a estes níveis de ensino fazem a sua correspondente formação científica nas universidades portuguesas, nomeadamente frequentando as licenciaturas de História e/ou de Arqueolo-

gia, pelo que, enquanto espaço particularmente destinado a uma promoção eficaz e sustentada dos estudos pré-clássicos de carácter egiptológico, de nível superior, em Portugal, encontra-se a Universidade, com aquilo que implica de aprendizagem, docência e investigação aplicada que é importante conhecer, embora numa panorâmica necessariamente assente em alguns apontamentos referenciais.

#### AS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS E O ENSINO DA EGIPTOLOGIA: A UNIVERSIDADE ABERTA

Em Portugal, a rede pública de ensino superior, além dos institutos politécnicos, contempla 14 universidades (uma delas, a Universidade Aberta, operando exclusivamente na modalidade de ensino a distância). A estas há que acrescentar algumas entidades privadas, espalhadas por todo o país, mas particularmente em Lisboa e no Porto, que operam igualmente no domínio do ensino superior.<sup>2</sup>

Nem todas estas instituições, públicas ou privadas, se dedicam, porém, ao ensino, à aprendizagem e à investigação especializadas em História Antiga – Egiptologia, sendo que, neste campo, se destacam habitualmente as universidades com sede em Lisboa: a Universidade de Lisboa, a Universidade Nova de Lisboa e a Universidade Aberta que, por assim dizer, apresentam já um histórico consistente e relevante no que ao ensino da Egiptologia, nas suas várias vertentes, diz respeito. De facto, ao longo das quatro últimas décadas, estas universidades de Lisboa têm acaalentado de forma vigorosa os estudos de Egiptologia, propondo aos candidatos que frequentam especialmente as licenciaturas em História várias unidades curriculares de carácter obrigatório ou opcional, em que a civilização do antigo Egipto e as suas problemáticas têm sido abordadas de forma sistemática e aprofundada.

No caso da Universidade Aberta (em ensino a distância), desde 2006 (já no âmbito da aplicação do Processo de Bolonha),<sup>3</sup> logo no 1º ano/ 1º semestre da Licenciatura em História, é oferecida como comum e obrigatória para todos os estudantes a unidade curricular semestral de *História das Civilizações Pré-clássicas*, com 6 ECTS (156 horas de trabalho estimado do estudante), onde, no âmbito das competências estipuladas, a saber, compreensão crítica da informação apresentada sobre o passado das civilizações pré-clássicas estuda-

das (Egipto, Mesopotâmia e Palestina) e desenvolvimento da capacidade de distinguir fenómenos e tendências estruturantes de elementos conjunturais e episódicos, o estudante aborda conteúdos directamente relacionados com a antiga civilização egípcia (instituições e sociedade, economia, religião e cultura), além de abordar também a civilização mesopotâmica e a história da região siro-palestinense (os Hebreus). Antes do designado Processo de Bolonha, a disciplina ministrada na Universidade Aberta, desde 1995, designava-se por *Civilizações Pré-Clássicas*, tratando igualmente as três grandes áreas geográfico-culturais-civilizacionais, Egipto antigo incluído, portanto, então abordadas durante todo um ano lectivo.

Na mesma Universidade e ainda no âmbito da Licenciatura em História, esta formação de 1º ciclo de estudos superiores encontra-se dividida, a partir do 3º ano de formação, em duas áreas distintas (designadas *Minores*, por contraponto com o tronco comum que é designado *Maior*): *Artes e Património e Cultura e Religião*.<sup>4</sup> No primeiro destes *Minores* (*Artes e Património*), é oferecida *Arte Egípcia* como unidade curricular semestral, opcional (6 ECTS).

Tendo o estudante de licenciatura da Universidade Aberta um contacto reduzido com a problemática das manifestações artísticas do antigo Egipto, uma vez que tal temática é abordada apenas, de forma genérica, na unidade curricular comum de *História das Civilizações Pré-Clássicas* do Maior em História, sem que o tempo disponível para o desenvolvimento das actividades permita o desejado tratamento aprofundado da componente artística, a unidade curricular de *Arte Egípcia* visa justamente permitir, a quem o desejar, um aprofundamento consistente das várias manifestações artísticas do antigo Egipto. São, assim, apresentados como conteúdos desta unidade curricular, a Arquitectura, a Escultura, a Pintura, a Cerâmica e o Mobiliário que, pelas suas implicações, se revelam essenciais para a estruturação do conhecimento sobre a civilização egípcia e sobre o mundo antigo, em termos específicos, e sobre outras épocas, anteriores, contemporâneas ou posteriores, em termos gerais. Incluir a consideração especializada da arte egípcia na formação inicial do estudante de História, no seu processo de aquisição de um conjunto de competências gerais e específicas na área disciplinar em causa, quer também de aprimoramento em domínios instrumentais e relacionais que esta unidade curricular oferece, afigura-se, de facto, nuclear para tentar compreender a antiga civilização egípcia.

O desenvolvimento das actividades formativas e sumativas desta unidade curricular ao longo do semestre é feito com a intenção de desenvolver nos estudantes uma série de competências e capacidades de que, sistematizadamente, se podem destacar: desenvolvimento e aperfeiçoamento da capacidade de caracterizar e distinguir os fenómenos artísticos do antigo Egipto e de os relacionar com tendências estruturantes ou conjunturais da antiga civilização egípcia; capacidade de analisar criticamente a documentação iconográfica disponível sobre as manifestações artísticas do antigo Egipto; conhecimento e domínio das noções e dos termos, conceitos e problemas teóricos inerentes ao estudo da arte egípcia e das suas várias vertentes de problematização; capacidade para determinar os elementos que fazem da arte egípcia, nas suas várias categorias e manifestações, um elemento estruturante do estudo do antigo Egipto; aptidão para sintetizar as principais conclusões relativas ao legado da arte egípcia para a história da cultura e do pensamento artístico, em geral.

No outro Minor da Licenciatura em História (*Cultura e Religião*) há outras duas unidades curriculares que contemplam abordagens programáticas que incluem igualmente a antiga civilização egípcia: falamos da unidade curricular *Cultura e Mitologias na Antiguidade e Religiões Helenísticas*. Como as próprias designações genéricas deixam perceber, na primeira pretende-se desenvolver competências de compreensão crítica do passado (História Antiga), através das suas manifestações culturais e religiosas. Neste sentido, além de uma Introdução Geral dedicada à compreensão dos conceitos de Cultura, Mito e Pensamento mítico-religioso, tratam-se a Cultura e a Mitologia na Mesopotâmia, no Egipto e na Palestina. O estudante que opte por este Minor pode assim, nesta unidade curricular semestral, obrigatória (6 ECTS), completar e aprofundar aspectos temáticos apenas aflorados na unidade curricular do Maior (*História das Civilizações Pré-Clássicas*).

Como carácter opcional, também semestral (6 ECTS), pode ainda frequentar a unidade curricular de *Religiões Helenísticas*: centrada no estudo da grande vitalidade religiosa existente no mundo helenístico em resultado das transformações políticas, sociais, económicas e culturais que o marcaram, sobretudo a partir do século V a.C., esta unidade curricular enfatiza a problemática da formação de uma *koiné* religiosa e a difusão crescente de deuses de características «universais» como marcas culturais do período em estudo. Naturalmente, na economia temática e cronológica desta unidade curricular

são salientados os exemplos oriundos do Egipto antigo, com especial relevo para a família divina Osíris, Ísis e Harpócrates. A compreensão crítica do passado (Período Helenístico) através do estudo das suas manifestações culturais e religiosas – competência maior definida para esta unidade curricular – é indissociável desta perspetivação alargada em termos cronológicos, geográficos e culturais no seio da qual as antigas tradições e contribuições egípcias foram manifestas e significativas.

Ainda na Universidade Aberta, em regime de acesso livre, há uma oferta pedagógica desenvolvida no seio de uma iniciativa genericamente intitulada “Aula Aberta” (cujo princípio geral de funcionamento é acesso gratuito para todos a conteúdos científico-pedagógicos), designada *O faraó na cultura egípcia* (15 horas de trabalho estimado do formando). Embora de oferta pública, sem exigência de qualquer compromisso prévio com outra formação da Universidade Aberta, os estudantes da instituição podem também, se assim o desejarem, articular esta oferta formativa com outras desenvolvidas de maneira formal.

Neste percurso formativo breve e aberto, sensibilizam-se os participantes para a importância do faraonato como instituição garante da estabilidade económica, social e política na antiga civilização egípcia e para o tratamento que a figura real recebeu no âmbito da cultura egípcia. Daí que estejam definidos como objectivos deste percurso formativo: estudar sistematizadamente as características definidoras do faraonato; avaliar as funções, atributos e epítetos do faraó egípcio; reconhecer as representações e figurações iconográficas dos faraós através dos emblemas e insígnias de poder e identificar os índices essenciais da sacralidade do faraonato, expressos através das cerimónias e rituais em que participava ou que lhe eram dirigidos. Como informa e atrai a frase-modelo criada para o percurso formativo: «*Diz-me que insígnias usas e em que rituais estás envolvido, dir-te-ei se és faraó!*»

Destaque ainda na Universidade Aberta para o Seminário Temático *Ideologia Real Egípcia* (15 ECTS), oferecido em opção aos estudantes do doutoramento em *História – Representações, Poderes e Práticas Culturais* (3º ciclo), onde se trabalha e analisa o tópico do poder monárquico egípcio como um poder activo, dinâmico, fonte de maior parte das maiores iniciativas sociais, políticas, culturais e artísticas da antiga civilização nilótica. De uma forma sustentada, com base em significativos exemplos da ideologia real egípcia,

os doutorandos podem, assim, adquirir e/ou aprofundar os instrumentos teóricos necessários à análise, interpretação e problematização das características definidoras e do funcionamento da realeza nos quadros existenciais egípcios; compreender os modelos, sistemas e práticas de exercício do poder no antigo Egípcio, os vectores de evolução, continuidade e prestígio do faraonato e a sua influência sobre as várias camadas da sociedade egípcia; desenvolver a capacidade de determinar e avaliar os índices essenciais da sacralidade do faraonato, quer através de referências textuais quer de representações e figurações iconográficas.

Além das propostas curriculares anteriores, é justo também mencionar outro tipo de ofertas não formais que, ao longo dos anos, de forma presencial ou a distância, a Universidade Aberta tem proposto à comunidade lusofalante: referimo-nos aos designados *Cursos Livres* que, como a sua própria designação deixa pressupor, se alistam numa lógica de escolha individual por parte dos formandos, sendo habitualmente pagos e abrangendo várias temáticas específicas. Nos últimos vinte anos têm sido ministradas várias edições destes cursos livres, por vezes em regime presencial (com 25 horas, sempre suportadas em power points ilustrativos e atualizados), a saber, sobre *O Egípcio dos faraós no contexto do Oriente antigo*; *O Egípcio dos faraós no contexto do Mediterrâneo*; *O Egípcio dos Faraós. Viagem pelo tempo e pelos espaços dos antigos Egípcios*; *A Mitologia Egípcia. Uma organização e uma interpretação do Cosmos*; *A arte egípcia. Uma arte para a eternidade e O faraonato. Instituição garante da vida no Egípcio antigo*.

Na sequência da organização destas várias edições, há um interessante facto a destacar que se relaciona com a organização de visitas guiadas ao Egípcio, facultativas, a expensas dos interessados, com recurso a agências de viagem especialmente dedicadas a este destino, justamente destinadas a visitar *in loco* muitos dos monumentos e locais históricos e arqueológicos trabalhados e comentados nas sessões dos cursos livres, de acordo com o enfoque de abordagem escolhido. Obviamente, não há qualquer «prejuízo» para aqueles que não se agregam a estas visitas, uma vez que a frequência dos cursos livres em causa não implica a atribuição de uma classificação final, não fazendo derivar, portanto, da visita guiada qualquer atribuição de certificação. Se quisermos, tais visitas constituem um suplemento cultural por opção dos interessados.

Apesar de algumas flutuações decorrentes das naturais vicissitudes orga-

nizativas de cada viagem em função de múltiplas variáveis, foram quase sempre asseguradas visitas ao planalto de Guiza (pirâmides de Khufu, Khafré, Menkauré, Museu da barca solar, Templo do Vale e Grande Esfinge), Museu Egípcio do Cairo, museu de Mit-Rahina, complexo funerário de Netjerirkhet Djoser, mastabas de Mereruka e de Kagemni e pirâmide de Teti, em Sakara; três túmulos do Vale dos Reis; templo funerário de Hatchepsut, em Deir el-Bahari; templos divinos de Karnak e de Luxor; Museu Egípcio de Luxor; colossos de Memnon; aldeamento de Deir el-Medina; templo funerário de Ramsés III, em Medinet Habu; templo do deus Hórus, em Edfu; templo dos deuses Haroéris e Sobek, em Kom Ombo; Templo de Ísis, em Filae/ Aguilkia; templos de Abu Simbel (Templo Grande de Ramsés II e Templo Pequeno de Nefertari); Pedreira de granito de Assuão (obelisco inacabado). Pontualmente, realizaram-se também visitas a Alexandria e aos seus vários monumentos antigos (coluna de Pompeu, *Serapeum* e teatro de Kom el-Dikka), modernos com ecos na Antiguidade (Bibliotheca Alexandria) e museus (Museu Arqueológico de Alexandria, Museu Nacional de Alexandria e museus da Bibliotheca Alexandrina).

Sem sombra de dúvidas, pode concluir-se que o trabalho realizado na Universidade Aberta ao longo dos anos, com numerosos estudantes em diferentes patamares de formação (sem formação inicial prévia em História ou já licenciados; com preocupações de docência a outros ciclos de ensino ou com intenções de produzirem trabalhos de investigação específica na área da Egipptologia; com percursos voltados para o ensino-aprendizagem ou para a investigação), tem sido pautada pela diversidade de situações pedagógicas que isso acarretou (níveis e modalidades distintas: doutoramento/ cursos de formação/ cursos livres; presenciais/ a distância; cursos breves e cursos longos, etc.) e por uma sistemática organização de conteúdos, metodologias, estratégias, actividades capazes de atrair os interessados e os estudantes para a História Antiga, em geral, e para a história do antigo Egipto, em particular.

#### AS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS E O ENSINO DA EGIPTOLOGIA: A UNIVERSIDADE DE LISBOA

É justo mencionar e reconhecer que o mesmo desiderato tem sido também prosseguido pela Universidade de Lisboa, através da sua Faculdade de Letras. Também na Licenciatura em História, o 1º ano / 1º e 2º semestres, se apre-

sentam unidades curriculares claramente vocacionadas para o tratamento das civilizações pré-clássicas, aí se incluindo, claro, o caso da civilização egípcia: *História da Antiguidade Pré-Clássica* (1º semestre; 6 ECTS) e *História das Culturas da Antiguidade Pré-Clássica* (2º semestre, 6 ECTS). Na Licenciatura em História da Arte, também logo no 1º semestre do 1º ano, é também incluída no currículo obrigatório a unidade curricular de *Arte Pré-Clássica* (6 ECTS).

Em *História da Antiguidade Pré-Clássica* abordam-se os fenómenos históricos associados ao aparecimento e florescimento das civilizações do Crescente Fértil, desde o Neolítico até ao alvorecer da Idade do Ferro, debruçando-se especialmente sobre as culturas da Mesopotâmia, Egito e Canaã. Baseando-se fortemente nos dados de cariz arqueológico e cruzando-os com fontes textuais e geográficas, a unidade curricular procura explicitar, em cada uma das civilizações abordadas, os elementos propulsores do seu desenvolvimento. Da mesma forma, a unidade curricular *História das Culturas da Antiguidade Pré-Clássica* estuda a mentalidade, o pensamento religioso e a ideologia política das antigas culturas da Mesopotâmia, do Egito e de Israel, através da leitura e análise de fontes históricas, nomeadamente literárias. Pretende-se reconhecer os processos sincréticos que se operam dentro das civilizações pré-clássicas e os pontos de contacto entre as diferentes culturas da Antiguidade. A unidade curricular de *Arte Pré-Clássica* aborda a cultura material das civilizações do Oriente antigo, com especial incidência na Mesopotâmia e no Egito, sendo o seu principal intuito compreender os aspectos sociais, políticos económicos, simbólicos e estéticos que se entrecruzam na elaboração do “objecto artístico”, procurando, sempre que possível, proporcionar uma visão holística, integradora, da arte egípcia (e também da mesopotâmica).

Do leque das unidades curriculares opcionais da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa é de destacar, pelo seu timbre egiptológico, *Introdução à Egiptologia*: esquecido na Europa durante mais de quinze séculos, o Egito dos faraós foi redescoberto pela expedição militar e científica de Napoleão Bonaparte. Desde então, o Egito tornou-se um dos territórios mais profícuos em escavações arqueológicas. O objectivo desta unidade curricular é, assim, colocar em evidência o modo como a interação com o objecto arqueológico evoluiu ao longo dos últimos duzentos anos e, desse modo, estimular o espírito crítico no que toca à exploração arqueológica e museológica das antiguidades, com um enfoque claramente eurocêntrico.

Também ao nível de Mestrado (2º ciclo) merece menção o Seminário específico opcional de *Egiptologia* (12 ECTS) que pretende proporcionar ao estudante a imersão em problemáticas de investigação mais relevantes no campo da Egiptologia. Em função dos interesses de investigação de cada aluno, são discutidas as potencialidades dos diferentes tipos de investigação no domínio da Egiptologia, assim como as opções metodológicas que lhes estão associadas. Através da colaboração com o Museu Nacional de Arqueologia, o Seminário estimula a exploração dos objectos da cultura material como meio de produção de conhecimento. O mesmo Seminário, também com 12 ECTS, é oferecido igualmente aos estudantes de Doutoramento (3º ciclo) na mesma instituição de ensino superior.

O Seminário opcional de *História da Arte da Antiguidade* (12 ECTS) é oferecido no Doutoramento em História da Arte (1º ano), assim como o de *História Comparada das Religiões Pré-Clássicas* (12 ECTS) integra o elenco curricular do Doutoramento em História e Cultura das Religiões, também como opção. Compreensivelmente, há nestes seminários lugar destacado para a consideração de assuntos, problemáticas, conceitos e categorias directamente associados ao estudo da antiga civilização egípcia, seja no domínio artístico, seja no domínio religioso, com espaço concedido ao conhecimento dos principais debates e tendências estruturantes em cada campo de estudos.

Em *Estudos da Arte Egípcia* (12 ECTS), unidade curricular opcional do Mestrado em História da Arte e Património, o objectivo essencial é proporcionar, analisar, debater e fruir os aspetos essenciais da arte egípcia, a nível da arquitetura, escultura, pintura e artes decorativas, procurando que os estudantes possam apreender e compreender as diferentes opiniões de autores bem conhecidos e depois formarem a sua própria opinião.

A panorâmica sobre a oferta científico-pedagógica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa não ficaria completa sem uma referência ao Mestrado em História Militar que engloba a unidade curricular opcional, genericamente intitulada *Armas e Sociedades: mundo pré-clássico* (10 ECTS), em que se pretende que o aluno compreenda e contextualize a evolução dos processos militares praticados no Próximo Oriente Antigo a partir de modelos de análise específicos para cada tema a desenvolver, tendo em conta as especificidades das fontes disponíveis. Trata-se de mais um contributo no do-

mínio da História Antiga, onde os tópicos referentes ao antigo Egipto têm sempre enorme adesão e interesse por parte dos candidatos.

Também a unidade curricular de *História Militar da Antiguidade* (6 ECTS), opcional na Licenciatura em História, desenvolve competências nos estudantes relativas à importância da História Militar no contexto da construção das sociedades no Mundo Antigo. Na charneira desses processos são considerados os seus núcleos temáticos: o Homem e a guerra na Antiguidade; deuses, heróis e guerreiros: a memória da guerra; Mediterrâneo: espaço de confronto; os textos bíblicos e a guerra; Egípcios, Assírios e Persas; A guerra na Grécia Antiga e as campanhas de Alexandre Magno, bem como Roma e a guerra.

Merece também uma referência o Mestrado em Arqueologia, onde a unidade curricular obrigatória de *Arqueologia da Morte* (6 ECTS; 1º ano) apresenta, desde as origens do pensamento simbólico formalizado, o quadro de práticas funerárias conservadas no registo arqueológico, do Paleolítico Médio ao Mundo Medieval. Questiona-se o lugar do morto, nos diferentes sistemas sociais em análise e as redes complexas de interacção com o mundo dos vivos, bem como o destino dos corpos, arquitecturas funerárias e espólios, projecção social e religião.

Embora actualmente descontinuada por decisão dos órgãos internos da Faculdade, merece uma referência especial a unidade curricular opcional de *Escrita Hieroglífica* que, no passado, era oferecida como opção de 1º semestre aos estudantes do curso de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Esteve na base da sua criação e implementação o reconhecimento da sua importância científica e pedagógica no incremento do estudo aprofundado da antiga civilização egípcia, assentando a leccionação da mesma num núcleo condensado de exercícios práticos de escrita hieroglífica. Embora opcional, o estudo da escrita hieroglífica sempre foi entendido na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa como basilar para a formação daqueles que, interessados numa feição mais especializada, pretendessem prosseguir e aprofundar os seus estudos no domínio da História Antiga - Egiptologia.

Ao longo dos anos, também na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa se têm realizado muitos *Cursos Livres* de temática egiptológica (entre 2008 e 2015 realizaram-se oito “*Cursos Livres de Egiptologia*”, ao ritmo de um por ano, e entre 2012 e 2018 realizaram-se, também ao ritmo de um por ano,

sete *Cursos Livres* “*A Vida no Egipto antigo*”), com a participação de docentes da instituição e de outras congéneres portuguesas, muitos dos quais seguidos igualmente de visitas guiadas ao Egipto, abertas a estudantes e a outros públicos, demonstrando, assim, a fecunda feição de estudo e de aprendizagem inerente à civilização dos antigos Egípcios na Universidade de Lisboa.

## AS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS E O ENSINO DA EGIPTOLOGIA: A UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Se na Universidade Aberta e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa está presente o estudo do antigo Egipto, sob perspetivas múltiplas e variadas, o mesmo se aplica à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Ao longo dos anos, nesta Faculdade têm sido providas várias unidades curriculares diretamente ligadas ao Egipto antigo.

Na Licenciatura em História, a unidade curricular obrigatória *História do Egipto antigo* (6 ECTS; 168 horas) é leccionada no 1º ano, em aulas teórico-práticas e práticas, e tem como objectivos explícitos: 1. Relacionar as diferentes dimensões espaço-temporais inerentes ao Egipto Antigo e concebê-las numa perspectiva simultaneamente sincrónica e diacrónica; 2. Conhecer o contexto político, social, económico, religioso e cultural do Egipto Antigo; 3. Conhecer as principais e mais recentes interpretações historiográficas relativos aos temas estudados; 4. Conhecer os principais documentos históricos, ser capaz de os analisar e interpretar, integrando-os no seu contexto histórico; 5. Desenvolver capacidades de exposição oral e escrita, demonstrando reconhecer os principais conceitos e a terminologia adequada.

O Mestrado (2º ciclo) em História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa inclui uma área de especialização em Egiptologia (60 ECTS) que tem como principais objetivos educativos: os conhecimentos aprofundados no campo da História e na área de especialização escolhida; a capacidade de integrar programas e ambientes de cooperação interpessoal numa área de investigação específica; o saber aplicar conhecimentos de forma criativa e interrogativa, gerindo o capital de informação heurístico e o património disciplinar da História numa área de especialização; as competências para planificar e apresentar de forma oral e escrita uma contribuição para o conhecimento historiográfico baseada numa investigação

que tenha a ver com uma problemática específica e saber comunicá-la a especialistas e ao público em geral.

No 3º ciclo (doutoramento), o Doutoramento em História da Universidade Nova de Lisboa tem também uma especialidade em História Antiga, onde são ministradas quatro unidades curriculares obrigatórias (todas com 10 ECTS), três delas comuns a outras especialidades (*Metodologias em História, Problemáticas da História e Tese em História*) e uma claramente alinhada com os conteúdos, as preocupações e as problemáticas especializadas de História Antiga (*Seminário de Especialidade em História Antiga*). Os objetivos deste Seminário, claramente orientado, portanto, para o trabalho aplicado e para a elaboração de uma tese em História Antiga, permitem ao interessado no domínio da Egíptologia apetrechar-se com a utensilagem conceptual, crítica e bibliográfica para o efeito: a) Compreender a história antiga, mostrando elevado domínio conceptual, dos conteúdos e da bibliografia específica; b) Revelar competências de análise crítica e de interpretação das fontes textuais e iconográficas; c) Ser capaz de conceber, planear, realizar e comunicar uma investigação original; d) Ser capaz de realizar um trabalho de investigação cujo resultado possa ser objecto de publicação nacional ou internacional.

Nas últimas décadas, a Universidade Nova de Lisboa propôs também vários cursos livres, com temáticas mais abrangentes ou mais específicas, em que a História Antiga, em geral, e a história do antigo Egíto, em particular, foram sempre devidamente contempladas e com muita adesão por parte dos destinatários. Entre os seus insubstituíveis contributos para a formação avançada e especializada dos estudantes no campo das línguas antigas, a Universidade Nova de Lisboa destacou-se pelos cursos intensivos de Hebraico, Acádio e Egípcio Hieroglífico, em regra com a participação-colaboração de vários investigadores-docentes estrangeiros, designadamente franceses (ex.: Francis Joannès, Pierre Villard, Pascal Vernus).

INSTITUTOS DE INVESTIGAÇÃO, CENTROS  
DE INVESTIGAÇÃO, REVISTAS CIENTÍFICAS

Nas referências à Egíptologia universitária em Portugal cabem também alguns apontamentos sobre outras componentes que muito ajudaram a consolidar a disciplina em termos académicos: os Institutos de investigação, os Centros de investigação e as Revistas científicas. No que diz respeito aos Institutos de in-

investigação, o primeiro, designado Instituto Oriental, foi criado em 1979 e funcionou até 1988, sob a égide do seu Director, o Professor Doutor António Dias Farinha, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, vocacionado particularmente para os estudos de orientalismo, com especial ênfase nos estudos árabes e islâmicos, alcançando também as culturas do Extremo Oriente. Em 1989, o Professor Doutor António Augusto Tavares funda, na mesma Faculdade, o Instituto de História Antiga e Judaica que, a partir de então, se veio a agrupar ao Instituto Oriental num único organismo, mantendo-se em funcionamento até 2009. Três anos antes, em 1986, o Professor Doutor José Nunes Carreira fundara também, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o Instituto Oriental daquela instituição.

Hoje desaparecidos do panorama académico português devido a alterações legislativas macro (política geral de investigação a nível nacional) e micro (decisões internas das instituições), estes Institutos revelaram-se decisivos para a consolidação dos estudos sobre as civilizações do Próximo Oriente em Portugal, estando associados, no início dos anos 90 do século XX, aos dois cursos de mestrado em História e Cultura Pré-Clássica ministrados na Universidade Nova e na Universidade de Lisboa. Hodiernamente, quer o Centro de História da Universidade de Lisboa (CHULisboa) quer o CHAM – Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa, quer o Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta têm assumido, nos seus vários Grupos de Investigação (GI) e linhas temáticas, a coordenação e promoção das actividades de investigação, aí se incluindo, obviamente, as que se referem à História Antiga (ex.: Grupo de Investigação “Usos do Passado” e Grupo de Investigação em “História Militar” na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Grupo de Investigação “Representações, Discursos, Materialidades e Usos do Passado” na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Grupo de Investigação “História e Memória Global” na Universidade Aberta).

No que diz respeito às publicações científicas com abrangência no domínio da História Antiga, são de destacar as revistas *Hathor. Estudos de Egiptologia*, dirigida por Maria Helena Trindade Lopes (com quatro números editados desde 1889; o último foi editado em 2005), *Res Antiquitatis. Journal of Ancient History*, tendo com o Director Francisco Caramelo (I Série, com quatro números editados, entre 2010 e 2013; II série, com três números publicados em 2019, 2020 e 2021), *Cadmo* (de 1991 até 2005, dos números 1 a 15, subtitulada *Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa*; depois de

2006, publicada com o subtítulo de *Revista de História Antiga*), com sucessivos responsáveis (Professores José Nunes Carreira, José Augusto Ramos e Nuno Simões Rodrigues), actualmente com trinta volumes editados (o número 30 é de 2021). As duas primeiras são da chancela da Universidade Nova de Lisboa, enquanto a última pertence à Universidade de Lisboa.

Neste campo das revistas académicas merecem ainda referência três outros títulos (hoje, todos extintos) que publicaram artigos de temática egiptológica, além de recensões críticas sobre obras dedicadas ao antigo Egíto: *Clio* (do Centro de História da Universidade de Lisboa; primeira série e com seis volumes, entre 1979 e 1988; segunda série com 19 volumes, entre 1996 e 2009), *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade* (da Universidade Aberta, seis volumes publicados entre 1999 e 2005), *Estudos Orientais*, *Hathor- Studies of Egyptology* e *Oriental Studies – Journal of Oriental and Ancient History* (todas da Universidades Nova de Lisboa, a primeira com dez números publicados, entre 1990 e 2009, e a segunda e a terceira com apenas um volume, datados ambos de 2012).

Por fim, uma referência particular à revista *Hapi. Revista da Associação Cultural de Amizade Portugal-Egíto*, ainda em edição, dirigida pelo egiptólogo português Telo Ferreira Canhão. Em íntima relação com os Cursos Livres “A vida no Antigo Egíto” realizados na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, os números desta revista explanam, de forma escrita e ilustrada, o resultado das intervenções orais produzidas no âmbito das várias sessões daqueles cursos, contando com a participação de vários egiptólogos portugueses e de outros estudiosos. De 2013 até à actualidade (2022) foram editados oito números que, subordinados a um subtema específico (ex.: Materiais e tipologia; Usos e costumes; Práticas e hábitos; Momentos e etapas; Lazer e recreação; Mulheres do Antigo Egíto; Textos do Antigo Egíto), dão conta de vários aspectos e ecos da vida no Antigo Egíto.

## CONCLUSÃO

A investigação, a produção histórica e a transmissão do saber histórico não se compadecem com amadorismos de curiosos e amantes do passado. Esta sentença é verdadeira quando aplicada a qualquer época cronológica de referência e, por maioria de razão, também o é quando se pensa na história da antiga civilização egípcia. Não se pode caracterizar com o árido e incipiente o

panorama dos estudos pré-clássicos, domínio de Egiptologia, em Portugal, não obstante a ausência de uma grande biblioteca especializada ou de um organismo específico, inteiramente votado à promoção da investigação e da produção histórica nesta área de estudos.

De há mais de quatro décadas a esta parte, é em Lisboa, sobretudo nas Universidades cujos exemplos acima se descreveram de forma mais detalhada, que estão concentrados os estudos pré-clássicos, no espaço dos cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento em História, Arqueologia e História das Religiões.

Os antigos Institutos, hoje desactivados, cumpriam a sua missão em determinado contexto científico e cultural, tendo hoje, em muitas das suas valências, sido substituídos pelos actuais Centros de Investigação que, com dedicação e abertura, vão tentando colmatar da melhor forma a carência de outras estruturas de apoio especializadas na área da História Antiga.

Ao nível dos 2º e 3º ciclos de estudos (Mestrado e Doutoramento), as universidades de Lisboa tem igualmente atingido resultantes bastante positivos, com a apresentação e defesa pública de várias teses de mestrado e de doutoramento, algumas das quais já publicadas face à sua reconhecida qualidade académica.

Da mesma forma, em colaboração com outras entidades portuguesas (ex.: Museu Calouste Gulbenkian, Museu Nacional de Arqueologia, Museu da Farmácia, Museu das Comunicações etc.) as universidades lisboetas têm vindo a desempenhar um importante papel na disseminação de resultados de investigação e na divulgação científica séria da Egiptologia, com a organização de ciclos de conferências, colóquios e encontros, nacionais e internacionais, bem como com a publicação de actas e volumes alusivos às iniciativas realizadas, onde, além egiptólogos de renome, nacionais e estrangeiros (muitos deles ligados à leccionação de unidades curriculares e seminários de mestrados e doutoramentos), participam assiduamente estudantes de mestrado e de doutoramento.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Luís Manuel de. Crónica - Abertura do Instituto Oriental. *Cadmo. Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa*, v. 1, 1991, p. 229-230.

ARAÚJO, Luís Manuel de. Os estudos pré-clássicos em Portugal. *Cadmo. Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa*, v. 2, 1992, p. 135-144.

- ARAÚJO, Luís Manuel de. Egíptologia em Portugal. *Cadmo. Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa*, Vol. 10, 2000, p. 57-94.
- ARAÚJO, Luís Manuel de. VI. Egíptologia e Egíptomania. In: ARAÚJO, Luís Manuel de, *O Egíto faraónico. Uma civilização com três mil anos*. Lisboa: ArranhaCéus, 2015.
- CAMPOS, Bárto Paiva (coord.). *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.
- CARAMELO, Francisco; SALES, José das Candeias. Interview d'Antonio Augusto Tavares. *Res Antiquitatis. Journal of Ancient History*, Volume I, 2010, p. 217-229.
- CARAMELO, Francisco; TRINDADE LOPES, Maria Helena. Portuguese Egyptology: New Projects, Museum Studies, and Publications. In: *Egyptology at the Dawn of the Twenty-first Century. Proceedings of the Eighth International Congress of Egyptologists, Volume 3. Language Conservation Museology*, Cairo/ New York, The American University in Cairo Press, 2000, p. 153-156.
- PROENÇA, Maria Cândia. *Didáctica da História*. Lisboa: Universidade Aberta, 1989.
- REDACÇÃO DA REVISTA. Notícias - Abertura do Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa, *Hathor. Estudos de Egíptologia*, volume n. 2, 1990, p. 125-127.
- ROLDÃO, Maria do Céu. *Gostar de História. Um desafio pedagógico*. Lisboa: Texto Editora, 1987.
- SALES, José das Candeias. A civilização egípcia nos novos programas e nos novos manuais de História do 7º ano de escolaridade, *O Estudo da História*, I volume, n. 12-13-14-15 (II Série), Lisboa: Associação de Professores de História, 1994, p. 519-546.
- SALES, José das Candeias. O Egíto antigo no programa e nos manuais de História da Arte do ensino secundário (10º ano), *O Ensino da História*, n. 1-2, Lisboa: Associação de Professores de História, 1995, p. 14-19.
- SALES, José das Candeias. Egíto: as origens de um destino, *O Ensino da História*, Lisboa: Associação de Professores de História, n. 8/9, jun./out., 1996, p. 55-60.
- TAVARES, Adérito. A História do antigo Egíto no Ensino Secundário, *Hathor. Estudos de Egíptologia*, volume n. 2, 1990, p. 89-91.
- TRINDADE LOPES, Maria Helena. Hora Zero. A realidade portuguesa no domínio da Antiguidade Pré-Clássica, *Penélope. Fazer e Desfazer a História*, n. 2, fev. 1989, p. 143-150.
- VALBELLE, Dominique. *L'Égyptologie*. Paris: PUF, 1991.

## NOTAS

<sup>1</sup> Em Portugal, a educação escolar inicia-se obrigatoriamente para todos os estudantes no ano em que completam seis anos de idade (1º ano de escolaridade) e termina com o 12º ano de escolaridade, quando o aluno perfaz 18 anos de idade. Este período de 12 anos de estudo (escolaridade obrigatória, portanto) é dividido em duas etapas: Ensino Básico (que inclui o 1º ciclo de 4 anos, o 2º ciclo de 2 anos e o 3º ciclo de 3 anos, no fundo entre os 6 e os 15 anos de idade) e o Ensino Secundário (com 3 anos, correspondendo aos 10º, 11º e 12º anos de escolaridade). À escolaridade obrigatória segue-se, para os estudantes que o desejarem, o Ensino Superior, frequentado mediante o pagamento de uma propina.

<sup>2</sup> Apontam-se habitualmente 60 instituições de ensino superior privado em Portugal (Escolas Superiores, Institutos Superiores, Conservatórios, Academias, Universidades), com diferentes tipos, especializações, modalidades de recurso e de actividades curriculares e extracurriculares para os seus estudantes.

<sup>3</sup> O designado Processo de Bolonha foi um processo de reforma intragovernamental a nível europeu, desenvolvido na sequência da assinatura de uma “Declaração” na cidade italiana de Bolonha, a 19 de Junho de 1999, destinado a concretizar um espaço europeu de Ensino Superior que permita ao estudante deste nível de ensino uma mobilidade e de um acesso equitativo, em qualquer um dos países europeus signatários, sem obstáculos. As bases essenciais em que este espaço comum de ensino superior assenta são o reconhecimento mútuo de graus e outras qualificações do ensino superior, a transparência (graus legíveis e comparáveis organizados numa estrutura de três ciclos – 1º ciclo | Licenciatura, 2º ciclo | Mestrado e 3º ciclo | Doutoramento) e a cooperação europeia na garantia da qualidade. Utiliza como principal instrumento de transparência pan-europeia o Sistema Europeu de Transferência e Acumulação de Créditos (ECTS), que, baseado no estudante, mede e compara o seu volume de trabalho estimado em horas para a realização de cada unidade curricular e para cada ciclo de estudos (no caso do 1º ciclo, 180 ECTS: 60 ECTS por ano lectivo, divididos, em regra, em dois semestres com 30 ECTS cada; 120 ECTS para o 2º ciclo e no mínimo 180 ECTS para o 3º ciclo). Na sequência do Processo de Bolonha, a esmagadora maioria das unidades curriculares (em alguns ciclos, todas as unidades curriculares) são oferecidos numa base semestral.

<sup>4</sup> A Licenciatura em História da Universidade Aberta, 1º ciclo de estudos superiores, assenta, portanto, numa estrutura curricular que têm um total de 180 ECTS: 120 ECTS concretizados pelo estudante no âmbito do Maior e 60 ECTS no âmbito do Minor escolhido.

Artigo submetido em 9 de setembro de 2022.

Aprovado em 30 de novembro de 2022.

